

INDEPENDÊNCIA - CLIMA DO REINO DE DEUS

Nesta semana, comemoramos os 150 anos do Brasil como nação independente. A história nos ensina que os movimentos de preparação e implantação da nossa independência foram enfrentados por pequenos grupos de pessoas idealistas. Muitas dessas pessoas pagaram com a perda da liberdade ou da vida o preço da independência que deu início à nação brasileira. Sem apelação a ufanismos fáceis, podemos afirmar com objetividade que a história de nossa pátria está povoada de heróis, muitos deles não bem conhecidos, que sonharam, sofreram e morreram por uma pátria grande e livre.

O sonho de liberdade e dignidade para todos os brasileiros foi, a princípio, tão pequeno como o grão de mostarda e tão escondido como o fermento da massa.

O fermento estava vivo e se espalhou. A semente estava viva e cresceu, transformou-se na árvore imensa que é uma pátria livre, dando acolhida e proteção a todos os seus filhos. Assim é o Reino de Deus, ensina Cristo no Evangelho. Isto mesmo é o Reino de Deus: a grande família humana querendo que todos os irmãos sejam livres, que todos os seres humanos, imagens de Deus, sejam respeitados em sua dignidade e em seus direitos.

Nós não fazemos da nossa fé cristã um compartimento separado da vida, mas nos alimentamos dela e entendemos o cristianismo como incentivo à participação na construção da grandeza de nossa terra. Para cada brasileiro, a pátria é

em primeiro lugar aquilo e aquelas pessoas que estão perto de nós, ao alcance de nossa influência. É neste primeiro círculo ao redor de nós que cada um pode e precisa participar nesta marcha na direção dos ideais mais profundos de total independência e liberdade: neste ponto a palavra pátria se confunde e se mistura com o próprio Reino de Deus.

O que é que nós podemos fazer? Como é que nós vamos participar? Talvez abrindo caminhos perto de nós e derrubando barreiras ao nosso alcance, para que as águas da liberdade cheguem até aqueles que ainda estão desprovidos da possibilidade de crescer como gente e dar a sua participação. Onde e como você vai fazer isto é que você como cristão precisa descobrir.

A FOLHA

ANO I — Nova Iguaçu, 3 de Setembro de 1972 — N.º 13

AS AVENTURAS DE ZÉ DA SILVA

.. já pode dizer que tirou a barriga da miséria.

IMAGEM MONTANHOSA

.. com a intemérrata coadjuvância de sua Eminência ...

UMA IGREJA INCÔMODA

.. presença da Igreja em toda a América na defesa da dignidade e dos direitos do homem ...

— O — LEIA NA PÁGINA 2 — O —

IRLANDA — Guerra de religião ?

As violências entre católicos e protestantes, na Irlanda do Norte, estão todos os dias nos noticiários. A gente vai engolindo e, sem uma fonte de informação mais profunda e séria, termina por pensar que se trata realmente e apenas de uns restos de Idade Média que escaparam até hoje, de uma guerrinha religiosa, com gente se matando em nome de Jesus Cristo, como as houve e muitas, naquele período histórico.

Talvez a situação, na atribulada ilha de São Patrício, não seja bem esta de guerra de religião, mas muito mais uma luta política entre dois povos diferentes, um não querendo deixar-se esbulhar pelo outro.

Na verdade, há pouco de religião nesta guerra toda, ou melhor: a religião entra mais como bandeira de união nacional, o que pode estar ainda muito longe da definição de

cristianismo, em ambos os lados. Trata-se muito mais de rebeldia de um povo oprimido, militarmente mais fraco, que luta pelo seu direito de ser gente, de ser tratado como gente. Bem mais do que por causa da religião, os irlandeses lutam pelo direito de ser irlandês e de ter a pátria irlandesa. Essa realidade sai deturpada ou incompleta nos noticiários que você escuta; ou ela nem é mencionada.

A FOLHA PERGUNTA AO BISPO DIOCESANO

A FOLHA: O senhor não acha natural que todos os povos têm de passar por muitos trancos e barrancos, até a consecução do pleno desenvolvimento político e econômico?

DOM ADRIANO: "Conhecida e reconhecida a nossa democracia tem sofrido fortes restrições nos últimos anos. De quem a culpa? Todos somos mais ou menos culpados. Sem forçá-lo demais, vale o axioma de que cada povo tem o regime que merece. As restrições que a revolução de 64 impõe, variáveis de acordo com os diversos governos e as diversas constelações sociais, são transitórias. Tudo é transitório. Também em política. Sobretudo em política. Virá um dia, certamente, a plena normalização democrática, com as regras do jogo funcionando para todos com segurança e imparcialidade, com a Lei fundamental que é a Constituição distribuindo equitativamente direitos e deveres sem a sombra de qualquer ato institucional, com o mecanismo político respeitando os poderes autônomos do país".

A FOLHA: O senhor acha que existe algum critério objetivo para avaliar a autenticidade do desenvolvimento?

DOM ADRIANO: "O critério para avaliar o desen-

volvimento, se é autêntico, se é integrado, se é construtivo, não está no próprio desenvolvimento mas fora dele. O critério parece-me ser a formação do povo-povo (chamo povo-povo as grandes massas marginalizadas, conservadas na ignorância e anestesiadas) para sua co-responsabilidade, para a solidariedade, para a participação. Evidentemente pensamos aqui mais no esforço a ser feito do que nos resultados, talvez durante muito tempo ainda precários. Sem esses traços fundamentais que caracterizam a comunidade, inclusive a comunidade nacional, sem pelo menos o esforço para despertá-los nos cidadãos, parece que nunca teremos um desenvolvimento orgânico e sólido, parece que nunca sairemos, apesar de certas exceções e de certas aparências, da condição de fornecedores de matéria-prima, caudatários das ideologias dominantes. A tutela excessiva que o Executivo, à sombra das forças armadas, tem assumido no Brasil, hoje e noutras ocasiões, só foi possível pela omissão, miopia, mesquinhez, incapacidade dos políticos militantes, embora sempre tenham ressoado vozes proféticas, grandes políticos, grandes estadistas que infelizmente foram abafados pelo vazio da retórica ou pela retórica dos pequenos ou falsos interesses".

IMAGEM MONTANHOSA

1 Taumaturgo Imperial pediu conversa com o bispo. E conversou-se. Que era diretor de turismo. Que fizera uma dilatada ementa de planos turísticos a serem consubstanciados em trâmites urgentes da câmara etc. Que até a presente data do calendário cívico deste importante município do Brasil Grande nada houvera ainda sido consubstanciado no sentido de preservar o acervo secular de nossos imensos valores artísticos, culturais e naturais, em decorrência de uma política tã canha que...

2 O bispo respirou fundo na perspectiva da reticência. Cortou toda esperança em face da segunda etapa: que ele (Taumaturgo Imperial) contava com a intemerata coadjuvância de Sua Eminência (o bispo), cidadão de escol, homem de cultura aprimorada, no sentido óbvio de prestar apoio a uma humilde iniciativa programada pelo insigne departamento que tenho a subita honra de dirigir. "É o seguinte: no píncaro do mais alto morro de nossa paisagem (e apontou) determinamos soerguer a imagem de Santo Antonio que..."

3 Nova esperança e nova desesperança: "Sabe Vossa Eminência, e sabe-o bem melhor do que eu, uma vez que se trata de assunto teológico, sabe Vossa Eminência que S. Antônio de Jacutinga preside os rumos espirituais e cívicos desta operosa comunidade. Daí por que contamos com a decisão de Vossa Eminência no sentido de juntos enfrentarmos todos os percalços em prol desta obra que levará muito afora o nome de nossa cidade e município tão carentes de representatividade nos intrincados meandros que..." E muito mais disse. (A. H.)

As Aventuras de Zé da Silva

Zé da Silva nasceu e se criou no interior da Paraíba e lá também constituiu família, quando chegou o tempo. A pobreza da família do Zé da Silva era demais. Moravam na terra dos outros e o roçado, alugado de meia, nem sempre dava a sua meia, porque as chuvas eram escassas. Um dia não veio mais chuva nenhuma e o Zé da Silva arribou com a família e as trouxas, para escapar da seca.

Zé da Silva mora agora, com a família, numa casinha do bairro de Japeri, município de Nova Iguaçu. Chegou aqui há uns cinco anos. Depois que chegou, a Francisca já lhe deu mais uns três filhos. Pela pindaíba em que se encontrava lá no norte, Zé da Silva já pode dizer que tirou a barriga da miséria. Agora tem onde trabalhar e as crianças estão na escola.

Zé da Silva agora tem Instituto. A Francisca se veste agora bem direitinho. Os meninos aprenderam a ler e conversam sobre o futuro, em termos que não são apenas roçado, inverno e enxada. Zé da Silva quer se vingar das privações que passou: dá um murro desgraçado todos os dias, mas os filhos vão ter que dar prá gente.

Zé da Silva é o Brasil todinho dentro de uma pessoa só. Independência é um termo vago demais. O que é independência? O que é independência do Brasil? No fim das contas é a independência do Zé da Silva. É a longa viagem do Zé da Silva de lá de onde ele era quase gado com o gado, na fazenda do patrão, na direção da sua casinha própria, do seu trabalho certo e da escola dos meninos. Zé da Silva está proclamando a independência do Brasil.

UMA IGREJA INCÔMODA

Em palestra que proferiu, recentemente, em Londres perante a «The Wisseman Society», o Embaixador brasileiro Sérgio Correa da Costa referiu-se à CNBB dizendo que, sob sua liderança, a Igreja entre nós «passou a desempenhar uma atuação crescentemente para os problemas das classes populares, tendência acentuada nos últimos anos». Acrescentou ele, em sua arguta referência, que «não mais a ação social periférica, através de obras assistenciais e caritativas, mas a pregação constante em favor das reformas profundas na estrutura política, econômica e social do País», vem sendo uma das grandes preocupações da nossa Conferência Episcopal, em maior disponibilidade agora para «sentir e servir a realidade viva do homem em sua situação concreta».

Seria de todo justo estender essas reflexões para toda a Igreja Latino-Americana, presente, como ativo e renovador fermento, em um continente em vias de desenvolvimento, mas ainda com clamorosos e angustiantes problemas humanos e sociais. Episcopado, Clero e Laicado, do Chile ao México, estão voltados não mais para soluções «periféricas», de sentido meramente caritativo-assistencial, mas sim, para soluções profundas, de base, que indo, às causas e estruturas, resolvam os problemas pela raiz». É preciso reconhecer que essa atu-

ante presença da Igreja em toda a América, na defesa da dignidade e dos direitos do homem, na crítica de certas distorções e injustiças da ordem estabelecida, na reivindicação de uma mais equânime distribuição da riqueza, melhores salários, melhores habitações, mais escolas, mais segurança não se tem resumido apenas em pastorais, declarações e exortações de toda ordem, mas tem sido prática, atuante atingindo a problemas e situações concretas. Se se quiser, hoje a Igreja não apenas prega, mas sofre em seus filhos, pela Justiça Social.

A partir do momento em que a Igreja passou à liderança da construção de uma sociedade mais humana e mais cristã na América, e, portanto, no Brasil, indo do campo meramente pastoral-caritativo para o da ação pelas reformas e pela justiça, começou a ser tida como incômoda por quantos continuam interessados no «status quo». Bispos, padres e leigos, falando em nome dos «oprimidos e injustiçados sem voz e sem vez», passaram a ser acusados de subversivos. Como se não fosse visceralmente evangélico e cristão o pacífico mas firme clamor pela Justiça, como se a mensagem divina de Cristo tivesse em si algo de alienante e fosse contestadora de explorações de qualquer tipo.

(O São Paulo)

MAIS UMA PERGUNTA AO BISPO DIOCESANO

A FOLHA: Quais as perspectivas que o senhor vê para o futuro da nossa pátria?

Dom Adriano: "Repito o que disse noutra ocasião: apesar das restrições ainda existe um campo imenso de atuação dos políticos no sentido de criarem condições para o bom funcionamento da democracia de amanhã. Nossas forças armadas, pelas suas elites, querem também a normalização democrática. Ao crescimento setorial, muitas vezes desordenado, desintegrado, sucederá um dia (este dia está longe ou perto, depende de nós) um crescimento sólido, autêntico, integral que garanta ao Brasil, necessariamente grande potência, uma contribuição de paz, de ordem, de equilíbrio em um mundo cada vez mais violento e mais injusto. Parece-me ser esta a vocação política do Brasil como nação. Contudo que consideremos a educação/formação como base sólida e como ponto de partida preferencial para todo tipo de desenvolvimento no futuro."

Para Você Participar da Missa Dominical

3 DE SETEMBRO DE 1972 — 23.º DOMINGO COMUM

1. ACOLHIDA

Entramos na semana das comemorações nacionais: 150 anos da nossa independência. A alegria geral nos leva a pensar também naquelas poucas pessoas, naqueles pequenos grupos que plantaram a semente da independência e a regaram com heroísmo e até o próprio sangue. No sonho com uma pátria livre, esses pequenos grupos nos ensinaram que é menos importante viver do que salvar a razão de viver. A razão de viver que eles começaram a construir para todos nós é o clima de liberdade em que todos os homens, filhos e imagens de Deus, tenham as oportunidades de exercer a sua independência e os caminhos de conseguir todas aquelas coisas necessárias para uma pessoa ser gente. Liberdade e independência significam oportunidades para todos. Cristo compara o Reino de Deus a uma pequena semente. Semente viva que, embora pequena, nasce, cresce e dá fruto. Liberdade, independência e oportunidades para todos não depende só do governo. Os cristãos são a pequena semente que, ao redor de si e com o seu esforço, podem cooperar para que haja para os seus irmãos mais liberdade, mais independência, mais oportunidades. Entendamos o Reino de Deus como a possibilidade que Cristo trouxe para todo mundo e cada pessoa serem mais livres e mais realizados. E esta possibilidade foi entregue aos cristãos para ser levada adiante. A liberdade e a independência se realizam ou deixam de se realizar perto de nós, ao nosso lado: não é longe de nós. Se os cristãos forem apenas massa, nada acontece; se eles forem fermento, tudo pode acontecer. Celebremos hoje o nosso encontro eucarístico, tomando consciência mais uma vez de que o clima de liberdade, respeito e bem-estar — que é o clima da presença do Reino de Deus — é a prova ou ausência de prova, se a nossa fé é prã valer ou não.

2. ATO PENITENCIAL

Convém que reflitamos alguns instantes sobre a nossa participação ou omissão no que diz respeito à contínua implantação do Reino de Deus entre nós. Reino de Deus não é deixar para viver no céu mas fermento vivo que obriga a convivência humana a basear-se no amor e respeito. Muita coisa no Brasil não funciona, não por falta de leis boas ou por culpa do governo, mas porque existe entre nós a atitude de aproveitar-se e locupletar-se. Falta ainda muito entre nós a preocupação pelo bem comum e pelo serviço. A nossa mentalidade muitas vezes ainda é avançar. Onde é que você se coloca como cristão?

— Pela nossa mentalidade de desinteresse no que diz respeito ao desenvolvimento das iniciativas que promovem o bem comum, Senhor, tende piedade de nós.

— Pela nossa mentalidade triunfante a respeito da Igreja, como se ela já fosse estabelecida e não precisasse da nossa participação constante, Cristo, tende piedade de nós.

— Pela nossa mentalidade de achar que o Reino de Deus se desenvolverá sem o nosso esforço pessoal, deixando assim a luta a cargo de algumas pessoas, Senhor, tende piedade de nós.

3. GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

Glória a Deus nas Alturas e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso. / Nós vos louvamos, / nós vos bendizemos, / nós vos adoramos, / nós vos glorificamos, / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai, / tende piedade de nós. / Só Vós sois o Santo. / Só Vós o Senhor, / Só Vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

4. ORAÇÃO

A vós, o Deus do crescimento, o Deus do Reino, nos dirigimos hoje, implorando sobre toda nossa pátria, o nosso povo, os nossos governantes, as nossas comunidades, o Espírito de crescimento que o pequeno grupo dos apóstolos recebeu. Que a nossa pátria procure o bem de todos os seus filhos no único caminho de libertação verdadeira, que são os ensinamentos do vosso Filho Jesus Cristo.

5. 1.ª LEITURA:

Deus guia os israelistas, de uma situação de escravidão no Egito, para uma situação de libertação, na posse de sua própria pátria. E promete àquele povo a felicidade, se andar nos caminhos ensinados.

Ex 19,3.5-6; 34,10 — "Deus falou assim a Moisés: "Dá esse recado ao meu povo: Se ouvirem com atenção a minha voz e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu povo preferido entre todos os povos; farei de vocês uma nação sagrada para mim". — "Celebrarei com vocês uma aliança e farei diante de todo o povo coisas tão maravilhosas que nunca aconteceram em nenhuma outra nação; todo o povo então contemplará a glória

do Senhor". — Palavra do Senhor.

6. SALMO 62

Minha alma tem sede de vós, Senhor, meu Deus.

Senhor, sois vós meu Deus, / aquele que eu desejo desde a aurora. / Minha alma tem sede de vós, / meu corpo também por vós anseia, / como a terra deserta e árida, pedindo a chuva.

7. 2.ª LEITURA:

A verdadeira libertação e crescimento se dão quando nos libertamos de uma realidade chamada pecado, de cujas consequências o mundo está cheio.

Rom 6,1-14 — "Devemos permanecer em nossos pecados para mostrar assim a bondade de Deus? De maneira nenhuma. Nós que já morremos para o pecado como podemos viver ainda nele? Nós todos que fomos batizados fomos sepultados juntamente com o pecado; por meio do batismo morremos para o pecado e assim como Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, mediante o glorioso poder do seu Pai, assim também caminhemos nós numa vida nova. O homem velho foi crucificado com Cristo, para que o pecado seja destruído; assim não sejamos mais escravos do pecado, porque aquele que morreu ao pecado deve estar libertado do pecado. Portanto vocês se considerem mortos para o pecado e livres para Deus, perto de Jesus Cristo. Não deixem que o pecado reine o corpo mortal de vocês, seguindo as concupiscências. Não entreguem os seus membros ao serviço do pecado mas ao serviço de Deus. O pecado não deve mais exercer a sua tirania sobre vocês, porque vocês agora vivem sob o regime da graça de Deus". — Palavra do Senhor.

8. ACLAMAÇÃO

Aléluia, aléluia, aléluia.

"Se alguém quer vir após mim, renuncie-se a si mesmo", diz o Senhor.

9. 3.ª LEITURA:

O Reino de Deus nunca está estabelecido, mas é constantemente estabelecido por nós: o seu começo é o esforço dos pequenos grupos.

Mt 13,31-33 — Jesus contou aos discípulos a seguinte parábola: "O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou em seu campo; esta semente é uma das menores mas, quando cresce, transforma-se numa grande hortaliza e até se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm pousar em seus ramos". Contou-lhes mais uma parábola: "O Reino dos céus

é também semelhante a um pouco de fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha: toda a massa fica fermentada". — Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

Creio em Deus Pai, Todo — Poderoso Criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo. / Nasceu da virgem Maria, / morreu sob Poncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-Poderoso / donde há de vir julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica / na comunhão dos santos, na remissão dos pecados / na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

11. ORAÇÃO DOS FIÉIS

Senhor Deus, hoje escutamos as palavras, cheias de coragem, do vosso Filho. Ele teve de começar sozinho o vosso Reino, enfrentando as forças poderosas do seu tempo, e não desanimou nem se

omitiu.

— Pela vossa Igreja no mundo, para que ela tenha a coragem de afastar-se das ilusões de grandeza e começar sempre de novo, rezemos ao Senhor.

— Pela vossa Igreja no Brasil, para que ela tenha a consciência não de domínio mas da necessidade de começar sempre de novo o trabalho de implantação do vosso Reino, rezemos ao Senhor.

— Pelos nossos pastores, para que reconheçam os sinais dos tempos e deixem de lado os triunfalismos de estarmos servindo bem ao nosso povo, rezemos ao Senhor.

— Pelos nossos governantes, a fim de sintam sempre a fome e sede de justiça de que fala o Evangelho e entendam a sua alta missão como um serviço ao povo, especialmente um serviço de defesa e promoção dos mais desamparados, rezemos ao Senhor.

— Para que a nossa pátria cristã e governada por cristãos se desenvolva no sentido de dar ao mundo o grande recado de sua vocação histórica: o recado de paz, desarmamento e convivência igual de todos, rezemos ao Senhor.

— Para que a nossa Igreja no Brasil seja mais uma força para ajudar como sempre ajudou, no processo de independência da pátria, rezemos ao Senhor.

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Aceitai, Senhor, as nossas intenções, aceitai tudo o que fizemos nesta semana para fazer crescer o vosso Reino. Que entendamos o vosso Reino como esforço pessoal nosso para estabelecer em nossa pátria que, em última instância, é a nossa comunidade, a justiça, a união e a paz.

13. ORAÇÃO FINAL

Senhor, acabamos de participar de um encontro entre irmãos, no qual foi falada a vossa palavra. A responsabilidade pelo vosso Reino vai nos acompanhar para onde nós formos. O vosso Reino significa extirpação das consequências do pecado. Essas consequências ainda existem entre nós, na forma de qualquer espécie de marginalizações de filhos vossos e nossos irmãos. Nós queremos levar para todos os que convivem conosco a preocupação pelo crescimento do vosso Reino.

<> PARA A SUA REFLEXÃO <>

O Reino dos céus é comparado hoje ao grão de mostarda: semente mínima mas viva; jogada ao chão, ela nasce, cresce, abriga e dá fruto. A árvore segue também o ciclo histórico de vida e morte: chega à velhice e não produz mais. Precisa morrer para dar lugar a uma árvore nova. Talvez este resto de comparação, que não está no evangelho, se possa também aplicar ao Reino de Deus entendido como Igreja ou estruturas de Igreja.

As estruturas humanas envelhecem e chegam ao ponto de não produzir mais aquilo de que são a exterioridade. Prova disso é a Igreja de Israel, que guardou com fervor todas as tradições, leis e rituais. Envelheceu e esclerosou-se na observância estruturada. Ao chegar a hora de dar o grande fruto, a apresentação do Filho de Deus ao mundo, a Igreja de Israel provou que estava morta.

As estruturas da nossa Igreja podem estar passando por uma fase semelhante. Muitas aves do céu estão fugindo dos seus galhos, porque acham que a batalha da história já se está travando em outros campos. Podemos porém explicar a debandada de outra maneira: quando a fé

cristã deixa de ser apenas tradição familiar ou ambiental para tornar-se atitude de fé individual perante a vida e seus problemas, os mais fracos debandam e os mais acomodados se conformam com estruturas.

Reino de Deus nós não recebemos por herança, no testamento das gerações passadas. Portanto o Reino não significa manutenção das tradições que os mais antigos nos legaram. É, muito mais, colocar-se frente a frente com os problemas do mundo e do nosso mundo. É ser hoje e aqui a árvore que atrai e abrigue os homens de hoje e daqui. O importante mesmo não é manter tradições, mas acolher e abrigar. Portanto se uma certa mentalidade que confunde Reino de Deus com tradicionalismo se mostra inadequada para o nosso tempo, é preciso que nós cristãos tenhamos a coragem e a criatividade para despertar formas novas de Igreja que sirvam não apenas de barco de salvação, mas também de campo de batalha para os que não querem só salvar-se mas salvar os outros.

Entre as profundas e variadas significações de Reino de Deus, o evangelho acrescenta hoje o adjetivo: pequeno, pequena semente. Entre nós quase todo

mundo faz questão de passar por católico. Na verdade, o nosso povo em grande parte é uma massa enorme, carregando o peso das suas marginalizações, aguardando o fermento de libertação do Reino. Em nossa diocese, assiste-se ao florescer impressionante de uma nova vocação sacerdotal: os agentes de pastoral. Este grupo pequeno, que está bem vivo e crescendo, pode ser a semente de uma nova mentalidade. E nova forma de Igreja que surge para abrigar, num futuro que desconhecemos, o grande número daqueles que estão longe, mas suspirando por uma libertação que só o Cristo pode trazer. O Cristo através de cada um de nós.

A FOLHA

ANO I — 3 DE SETEMBRO - 72 — N.º 13
EDITADA PELA

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262
Telefone: 2609

NOVA IGUAÇU - RIO DE JANEIRO

**TIRAGEM DESTA EDIÇÃO
10.000 EXEMPLARES**

Composto e impresso na Gráfica da Comunidade de Emaús do Brasil - Av. das Missões, 18 - Cordovil
Tel. 391-2252